



2

Diálogos epistolares como fontes para a História das Ciências: a correspondência de Miguel Rolando Covian

Eneida Nogueira DAMASCENO: eneidi@bol.com.br

CV: <http://lattes.cnpq.br/5100371665212423>. Mestre em Ciências pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto, Brasil. Área de pesquisa: História da Psicologia.

Marina MASSIMI: mmassimi3@yahoo.com

CV: CV: <http://lattes.cnpq.br/1824675277001228>. Graduada em Psicologia pela Università degli Studi di Padova, Mestre e Doutora em Psicologia pela USP. Atualmente é Professora Titular de História da Psicologia da Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto.



BSTRACTRESUMOABSTRACTRESUMOABSTRACT

Resumo	<p>É discutida neste trabalho a relevância do gênero correspondência epistolar enquanto fonte primária para a produção da História das Ciências. No caso específico deste artigo, dedicado à correspondência do neurofisiologista Miguel Rolando Covian, destacamos os campos da História da Medicina, da Psicologia e da Biologia. Abordamos também os aspectos jurídicos que protegem as correspondências epistolares como documentos pessoais, colocando-as sob a condição de restrição de acesso por determinado período de tempo, a partir de cuidados éticos pertinentes com relação às informações de caráter pessoal e íntimo que elas contêm. Nesse sentido, a preservação destes documentos em condições adequadas para que resistam ao tempo se faz impositiva. Cartas levam em seu conteúdo não só informações sobre seus correspondentes, mas também fragmentos de sua época, resultando, assim, em um gênero de fonte multidisciplinar.</p>
Palavras-chave	<p>Correspondência epistolar; Fontes históricas; História das ciências.</p>
Abstrac	<p>It is discussed in this paper the relevance of the genre of written correspondence as a primary source for the production of the History of Science, and in the specific case of this article, we highlight the fields of medicine, psychology and biology standing out the epistolary correspondence of the neurophysiologist Miguel Rolando Covian. Legal aspects that protect epistolary correspondence as personal documents, placing them under a restricting access condition for a certain period of time, raise relevant ethical issues respecting to personal and intimate information that it contains. In this sense, it is urgent to preserve such documents in appropriate conditions. The content of the letters shows not only information about the correspondents, but also fragments of that period of time, resulting in a genre of multidisciplinary source.</p>
Keywords	<p>Epistolary correspondence; Historical sources; History of sciences.</p>



INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é destacar o papel relevante das correspondências epistolares enquanto fontes primárias para a produção da História das Ciências. Não nos referimos somente à importância destes documentos, mas também à pertinência de organização, catalogação e disponibilização dos mesmos. A dificuldade encontrada por pesquisadores e estudiosos em achar acervos de correspondências devidamente catalogados muitas vezes prejudica uma pesquisa promissora. E no trabalho historiográfico, conforme assinala Marrou (1978, p.55), só podemos alcançar o passado através dos traços inteligíveis para nós que este passado deixou. Ainda segundo Marrou,

“A escrita da História faz-se com documentos” e define:

“Constitui um documento toda a fonte de informação de que o espírito do historiador souber tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano, encarado sob o ângulo da pergunta que lhe foi proposta. É perfeitamente obvio que é impossível dizer onde começa e onde termina o documento; pouco a pouco a noção se alarga e acaba por abranger textos, monumentos, observações de todo gênero”. (MARROU, 1978, p. 62)

O trabalho com correspondências pessoais revela seu caráter delicado no que tange à intimidade do autor com a qual o historiador vai se deparar, revelando-se uma possível armadilha no caso de um plausível entusiasmo por parte desse, uma vez que documentos pessoais abstraem o seu autor do campo das manifestações públicas.

Segundo Prochasson (1998, p. 7),

“As armadilhas que as correspondências estendem aos historiadores são, no entanto, numerosas. A impressão de pegar desprevenido o autor de uma carta que se destinava unicamente ao seu correspondente, o sentimento de violar uma intimidade, garantia de autenticidade, quando não de verdade, são, às vezes, bastante enganadores. Existem correspondências que traem uma autoconsciência que não engana ninguém. Existem cartas ou documentos privados cujo autor mal disfarça o desejo, talvez inconsciente, de torná-las, o quanto antes, documentos públicos”.



Para Prochasson, (Idem) a correspondência está inserida na categoria de arquivos privados, assim como diários, cadernetas, agendas, etc. e afirma: “Essa documentação deve constituir uma base arquivística útil para a construção da história da construção de uma obra ou de uma personalidade”.

De fato, a controvérsia existente com relação ao gênero correspondência epistolar integrar as fontes para a produção da pesquisa histórica, não elimina, com as devidas ressalvas e o uso de um método de pesquisa apropriado e rigoroso, o valor histórico heurístico desse gênero de fontes.

Além do mais, as cartas revelam o universo interior de seus autores. Para Stein (2003, p. 583), as cartas são documentos nas quais é possível conhecer “o modo de ser próprio de um homem: esse modo de ser se nos mostra através das múltiplas formas de expressão nas quais o ‘interior’ se ‘exterioriza’”.

Os diálogos epistolares trazem em seus conteúdos, de modo geral, registros de fatos, emoções, sentimentos, vivências e experiências escritas de próprio punho pelo sujeito que as vivencia; esses escritos registram, de acordo com o regime de temporalidade, pessoas, acontecimentos e sentimentos relativos ao período em que foram produzidos. Nesse sentido, independente das intenções do autor(es) quanto ao fato de serem essas missivas posteriormente divulgadas ou não, cartas epistolares projetam-se como documentos de destacado valor histórico, na medida em que podemos entender que uma correspondência epistolar traduz fragmentos de sua época.

As missivas endereçadas a indivíduos de seu círculo de relações pessoais podem conter informações que dificilmente serão encontradas em outros escritos do autor como livros, artigos, aulas, etc.. Neste âmbito, o historiador deve estar ciente que adentra o campo da ética ao deparar-se com aspectos da vida pessoal dos correspondentes e com o respaldo legal estabelecido juridicamente com a finalidade de proteger a intimidade relatada nas correspondências epistolares por determinado período de tempo. O respeito à legislação vigente neste sentido traduz também o respeito à ética.

Esta reflexão nos remete imediatamente à questão da preservação destes documentos que guardam em si memórias que contribuirão para a construção da História.

Massimi (2012, p.3), afirma, “A memória disponibiliza, portanto, o material para o trabalho histórico: por meio da própria memória, os atores do processo histórico buscam salvar o passado para servir à edificação do presente e do futuro”.

Paes (1969, p. 7/8), na apresentação de seu livro *Grandes Cartas da História*, recorre a trechos da correspondência epistolar trocada entre Abelardo e Heloise e entende que para Heloise, “a boa carta é aquela que, para além do sentido



ostensivo das palavras, deixa entrever a alma – interesses, preocupações, idiossincrasias, paixões – de quem a escreve”.

Grandes personagens da história deixam seu legado pessoal e intelectual, seus sentimentos mais profundos registrados em epístolas que consistem por si só em valiosos documentos para a reconstrução histórica em vários de seus segmentos, não só por conter, escritos de próprio punho, informações subjetivas quanto aos seus pensamentos, sentimentos, preferências e emoções, como também informações de cunho tão pessoais que deixam entrever traços de caráter de seu autor que poderiam passar despercebidos, não fossem estes registros. Desse modo podemos entender a expressão de Prochasson (Ibid. p. 3), Essa documentação “constitui aquilo com que sonha todo historiador da cultura, do biógrafo que corre atrás daquele dossiê completo (...)”

O estudo destas correspondências possibilita investigações mais completas sobre personagens importantes no cenário histórico, bem como oferece informações complementares do contexto em que viveram. Como exemplo, voltamos a Paes (Ibid. p. 135), que ao publicar algumas cartas de Napoleão Bonaparte, mostra duas missivas que contém forte e muito bem escrito teor político e militar e também mostra outras duas cartas nas quais o poderoso chefe político e militar reclama como um menino apaixonado da falta de atenção dispensada a ele por sua esposa Josefina que passa tempos sem lhe enviar notícias ou não o espera quando ele deixa compromissos militares só para ir vê-la. A intencionalidade destes exemplos reside na necessidade de reflexão sobre o excesso de reservas com relação à convicção de que os autores epistolares podem sucumbir ao desejo de projetar sua imagem no futuro com a elaboração de escritas intencionais; se uma rigidez for mantida neste ponto, corre-se o risco de perder informações singulares no que diz respeito à vida desses autores: seu tempo, seu trabalho, sua personalidade, enfim, a subjetividade inerente a cada um, bem como ao contexto histórico que o cercou.

Alcir Pécora (2001, p. 30), ao analisar as cartas de Santo Inácio, detecta que as correspondências da Companhia dos Jesuítas eram uma das suas grandes preocupações, “O que se escreve é ainda mais de cuidar que o que se fala, porque o escrito fica e dá sempre testemunho...”. Cartas constituem-se num arquivo de elevado valor histórico, pois contém o testemunho de quem as escreveu.

Massimi (2002, p. 14), ao referir-se às pesquisas desenvolvidas acerca da correspondência epistolar dos jesuítas, especialmente ao conjunto de cartas denominado *Indipetae*, afirma:

“As cartas que compõem a *Indipetae* contém expressões muito significativas do trabalho



de investigação acerca de si mesmos para o qual os jovens jesuítas eram treinados em sua formação. Além de se constituírem num interessantíssimo referencial para se entender o significado do “além-mar” na mentalidade de jovens europeus dos séculos XVI e XVII.”

Considerando este papel histórico informativo, a epistolografia firma-se como considerável fonte de produção histórica, a partir da aplicação rigorosa de métodos cuidadosamente escolhidos. Neste ponto fechamos o foco na História das Ciências quando reconhecemos e temos como objeto de trabalho a correspondência de um cientista, neste caso específico, o neurofisiologista Miguel Rolando Covian.

Cartas epistolares apresentam, de modo geral, conteúdo diversificado, os interlocutores falam sobre assuntos diversos: seu cotidiano, seu trabalho, suas emoções e sentimentos, abrindo, deste modo, amplas possibilidades de pesquisas. Assim, as cartas do Covian oferecem este leque de temáticas. Além do mais, como cientista, Covian registra em suas missivas parte da história das Ciências da sua época, com destaque para a História da Medicina, da Neurofisiologia, da Psicologia e da Biologia.

Segundo Massimi (1997, p. 19),

As cartas [...], além de constituir relatos ricos em informações, testemunham também a experiência subjetiva que, por meio da escrita, reflete sobre o mundo no qual se situa. Nestes relatos os acontecimentos históricos são apresentados com a linguagem própria e particular de quem viu e vivenciou tais acontecimentos como parte integrante de sua biografia. Nesse sentido, possibilita-nos compreender relações, atitudes, sensibilidades e emoções daqueles homens em seu contexto histórico determinado.”

MIGUEL ROLANDO COVIAN: BREVE BIOGRAFIA

Miguel Rolando Covian nasceu no dia 7 de setembro de 1913, na cidade de Rufino, Argentina. Estudou medicina na Faculdade de Medicina de Buenos Aires e graduou-se médico em 1942. Desde então passou a dedicar-se integralmente ao ensino e à pesquisa e nesse período recebe a orientação daquele que, segundo Hoffmann (2005, p. 39) seria seu mestre por toda a vida, Bernardo Houssay. Segundo Vichi (2002, p. 39), Covian sempre dizia que seu maior título era ter sido discípulo de Bernardo Houssay.

Covian trabalhou no Instituto de Medicina e Biologia de Buenos Aires de 1945 à 1948. A seguir, estagiou por três anos como bolsista da Fundação Rockefeller na Universidade de Johns



Hopkins na cidade de Baltimore. Retornando à Argentina, continuou seu trabalho no Instituto de Biologia e Medicina Experimental, onde, segundo Vichi (2002, p.39), fundou o primeiro laboratório de neurofisiologia da Argentina, atuando ali como chefe até 1955, quando então recebeu o convite do prof. Dr. Zeferino Vaz para trabalhar na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Segundo Vichi (2002, p.39), sua chegada e trabalho nesta escola médica tornar-se-ia decisiva para a consolidação do recém criado Departamento de Fisiologia, o qual dirigiria até 1974. O setor seria dos melhores centros humanos do país (VICHI, 2002, p.39). Ainda segundo Hoffmann (2005, p. 39), Covian naturalizou-se brasileiro em 1971. Atuou como docente de 1955 a 1992, desempenhando um papel fundamental na formação da Instituição e se tornou uma personalidade marcante nos meios acadêmicos. Credita-se principalmente a Covian o empenho em impulsionar o desenvolvimento do departamento de fisiologia, transformando-o em um grande centro de ensino e pesquisa do país.

Um médico dedicado aos seus mestres que, com certeza, influenciaram sua formação humanista, dedicado à ciência e a religião. “sua religiosidade era expressa por meio do carisma e por sua opção clara por uma ciência humanista” (BUENO, 2005, p.33).

Covian critica a desumanização do homem pela sua falta de silêncio, de tempo para meditar e entrar em contato com sua essência, chama esse homem de homem-monstro, produto da época atual, um raro espécime desumanizado, metade homem, metade robô, escravizado pela técnica e pressionado pela eficiência. (HOFFMANN; MASSIMI, 2008, p.61/62). “No final dos anos 50, previu o avanço da técnica e, como consequência, a desumanização da ciência, viu que o saber científico e o saber humanístico se divorciariam no contexto da revolução científica dos séculos XIX e XX” (BUENO, 2005, p. 47).

Para Covian, no processo de humanização, a ciência e a técnica têm importante papel a desempenhar, para isso a técnica deve ser colocada a serviço do seu autor, deve assim ser sacralizada, “é preciso sacralizar o profano para salvar o homem humanizando-o” (HOFFMANN; MASSIMI, 2007, p. 63). E diz ainda, “O verdadeiro homem de ciência tem uma natural disposição para o trabalho silencioso e meditativo. Diria que sua atitude é religiosa, ainda que negue Deus” (Idem p. 63).

Propõe que o cientista seja culto, que busque a sapiência da filosofia para conseguir integrar e sintetizar os diversos setores do conhecimento. (BUENO, 2005, p.47). Segundo Vichi (2002, p.40), sempre reflexivo em suas considerações, Covian diria em 2 de abril de 1957: “Vivemos uma crise de valores..., esse fato é tão objetivo que não necessita ser analisado, mas o que é triste é que essa ausência de valores está dando origem a uma juventude cética a tal ponto que o ceticismo chegou a ser uma pose elegante”.



OS DIÁLOGOS EPISTOLARES

Poliglota, Covian se correspondia com cientistas de várias partes do mundo. Trocava idéias e experiências, descrevia experimentos, expressava suas opiniões, expunha seus sentimentos, ensinava, orientava seus alunos, quando estes estavam estagiando fora do Brasil, tecendo, assim, uma vasta rede de informações e conteúdos ímpares para a construção da história das ciências, uma vez que são contados a partir das vivências cotidianas do autor e, portanto, sem o polimento da escrita acadêmica ou puramente literária, revelando-se, então, referências suplementares pelas quais anelam tantos historiadores da ciência.

Mais uma vez retomando Stein (2003, p. 583),

“O modo de ser de uma pessoa se expressa também em formas que podem seguir existindo separadas dela: em sua letra, no estilo que se reflete em suas cartas ou em outras manifestações literárias e também nos efeitos que ele produz em outros homens. Coletar estas fontes é o trabalho preliminar do historiador que se completa na tarefa de compreendê-las por meio de suas linguagens específicas e de tornar acessível aos outros esta individualidade por ele compreendida”

Covian mantinha uma posição intelectual favorável à aproximação entre ciência e religião, tema este largamente enunciado em sua correspondência. Era um homem religioso, entretanto, não fazia proselitismo. A subjetividade deste cientista religioso firma-se em seus escritos. Escrevendo para outros cientistas vai, talvez sem o perceber, escrevendo parte da história das ciências e também das instituições científicas das quais era membro. Escrevendo para amigos, entre eles, monges, padres e filósofos desenvolve seu pensamento firmando-se com um cientista humanista preocupado com os frios rumos que, segundo ele, via a ciência enveredar a partir do desenvolvimento acelerado da técnica.

Em seu artigo “Memória e História na História da Psicologia: Dois exemplos de produção de documentos” Massimi (2012, p.7) apresenta a correspondência de Covian como “exemplo de atividade de preservação e apresentação do dado histórico possibilitadas por escolhas realizadas pela memória dos atores do processo histórico” e insere esta correspondência na dimensão da “estrutura dinâmica das relações entre memória e história”



ASPECTOS LEGAIS

Produzida no período entre 1955 a 1985, a correspondência de Covian está sob proteção legal. Sob a égide de domínio privado, esta correspondência encontra-se em condição de restrição de acesso, sob responsabilidade da instituição que a guarda⁶⁴. Este intercâmbio epistolar estendia-se como uma rede científica e social por diversos países, envolvendo esta correspondência em alta complexidade com relação aos aspectos legais que a resguardam.

Ainda em vida, Covian outorgou à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto o direito de guarda de todo material pertencente a ele que fosse encontrado em sua sala no Departamento de Fisiologia dessa Faculdade ao registrar em cartório uma Escritura de Testamento. Este documento, parte dos resultados de nosso trabalho, foi encontrado durante o desenvolvimento de nossa pesquisa e encaminhado à Reitoria da Universidade pela Dra Anette Hoffmann – membro da equipe de Covian – dando início ao processo de legalização de guarda deste material, no qual se encontra incluída essa correspondência.

A legislação determina que a restrição de acesso aos documentos pessoais se dê por um prazo mínimo de setenta anos a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao falecimento do autor(es)⁶⁵, devendo a instituição responsável pela custódia destes documentos estabelecer regras pertinentes a esse acesso de acordo com as disposições legais estabelecidas.

Esse período de setenta anos determinado pela legislação vigente para proteção às informações pessoais contidas nas cartas epistolares torna ainda mais premente a necessidade de meios adequados de preservação desses documentos, pois, ainda que o avanço tecnológico apresente meios imediatos de preservar a informação, não podemos deixar de reconhecer o valor do documento original enquanto fonte primária.

Cartas epistolares, principalmente quando em grandes quantidades, constituem-se em um acervo histórico muito delicado, a correspondência de Covian encontra-se redigida à mão, em sua maioria, e também datilografada, o papel é fino, sendo algumas cartas escritas em papel de seda. Manusear estes documentos de suporte tão frágil requer vontade, disciplina e cuidados especiais.

Trabalho este que demanda tempo e pessoas com experiência e voltadas a esta tarefa, mas, geralmente, por falta de pessoal treinado e com tempo disponível para um trabalho tão delicado e demorado, alguns acervos, especialmente aqueles constituídos de papéis soltos, como correspondências,

⁶⁴ FMRP – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP – Universidade de São Paulo.

⁶⁵ Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Disponível em < <http://planalto.gov.br/ccivil03/leis/19610.htm> >



anotações, etc. permanecem arquivados, porém, com seu conteúdo desconhecido e, portanto, praticamente inacessível.

A compilação e sua disponibilização para a pesquisa é tão importante quanto a própria pesquisa, uma vez que a ineficiência na organização e arquivamento do material pode resultar numa dificuldade de acesso que pode, inclusive, levar-se a crer na inexistência do material, quando ele pode estar perdido no acervo, isso pode ocasionar até a desistência do trabalho por parte do pesquisador.

Marrou (1978 p. 61) discorre sobre esta questão quando discute a acessibilidade ao documento de pesquisa: “Por mais aperfeiçoados que se encontrem, em certos setores, os instrumentos de trabalho de que dispomos, como os seus compiladores não puderam ter presentes nem mesmo ter concebido como possíveis todas as perguntas que nós somos levados a fazer aos documentos, não nos fornecem os meios de descobrir estes”.

A correspondência epistolar constitui-se em um vasto campo de investigação e pode responder a inúmeros questionamentos e vários enfoques de pesquisa.

Para Marrou (1978, p. 75), só podemos alcançar o passado através dos traços inteligíveis para nós, que este passado deixou, “na medida em que estes traços subsistiram, em que nós os encontramos e em que somos capazes de interpretá-los” e completa: “Encontramos aqui a primeira e a mais pesada das servidões técnicas que pesam sobre a elaboração da História”.

Apesar de ser um cientista admirado e respeitado, Covian se reconhecia um homem solitário. Mahfoud e Massimi (2007, p. 221) assim se expressam com relação a este conjunto epistolar: “Dois tipos de vivências emergem como estruturantes: relacionamentos significativos vivenciados como *pertença*, essenciais ao amadurecimento de sua personalidade e a seu processo de formação, e a vivência da solidão, sempre presente, mas tomando significados diferentes ao longo da vida”.

A atividade epistolar possuía um traço determinante na vida deste cientista. Quatro anos antes de sua morte, Covian relata a um amigo que reler as cartas guardadas o levava a rever sua vida com as pessoas amadas que fizeram parte dela. E ao reconhecer-se como um homem solitário afirma: “Escrevo para acompanharme” (Massimi – 2012, p.10).

CONCLUSÃO

A questão relativa ao trabalho com correspondências é ampla e abrangente, entretanto, podemos reconhecer que o gênero correspondência epistolar engloba variados graus de acessibilidade a informações que se estendem por uma multiplicidade disciplinar que vai de dados biográficos, regime



de temporalidade, descrição do cotidiano, memória, passa por aspectos jurídicos e chega à produção da História.

Entendemos que os historiadores das ciências, bem como as instituições responsáveis pela guarda destes acervos devem conter em suas preocupações o olhar cuidadoso para este gênero de fontes, visando não apenas fazer respeitar a legislação vigente quanto ao tempo de restrição de acesso, resguardando especialmente o aspecto ético desta imposição legal, como também o empenho no sentido de preservar estes acervos e as informações que eles contêm, disponibilizando os recursos necessários para que possam ser arquivados em condições apropriadas para sua preservação através do tempo.

A correspondência do neurofisiologista Miguel Rolando Covian encontra-se sob a custódia da F.M.R.P. – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – U.S.P. - Universidade de São Paulo, o acesso à esse material, devido às determinações legais citadas neste artigo, está sujeito à autorização expressa dessa instituição que o guarda.

No entanto, esta correspondência encontra-se higienizada, classificada e arquivada em condições ideais para sua preservação, guardando em seu conteúdo suas contribuições para o futuro da História das Ciências, especialmente, a História das Neurociências.

REFERÊNCIAS

BUENO, Patrícia Moura de Souza. **A essência da universidade**: um estudo sobre a vida e obra de Miguel Rolando Covian. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Orientadora: Marina Massimi. Ribeirão Preto, 2005. 144p.

HOFFMANN, Anette. Resgate da memória de uma experiência universitária: a História de Miguel Rolando Covian. Resumo de trabalho apresentado no **I Congresso Paulista de Medicina**. Ribeirão Preto. 2005.

HOFFMANN, Anette; MASSIMI, Marina. **A Universidade Pensada e Vivida por Miguel Rolando Covian**. 1 ed. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2007.

MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina. O cientista Miguel Rolando Covian: uma experiência totalizante. In.: ARCURI, Irene Gaeta; ANCONA-LOPEZ, Marília (orgs.). **Temas em Psicologia da Religião**. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2007.

MARROU, H. **Sobre o Conhecimento Histórico**. (R.C. de Lacerda, Tradutor), Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.



MASSIMI, Marina; MAHFOUD, Miguel; SILVA, Paulo José Carvalho da; AVANCI, Silvia; Sarti, Helena. **Navegadores Colonos e Missionários na Terra de Santa Cruz: um estudo psicológico da correspondência epistolar**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

MASSIMI, Marina. **Um incêndio desejo das Índias...** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MASSIMI, Marina. Memória e História na História da Psicologia: Dois exemplos de produção de documentos. **Memorandum**, 2, 2-12. Disponível em < <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/massimi02.htm> > Acesso em 26/09/2013.

PAES, José Paulo (org). **Grandes Cartas da História**. São Paulo: Cultrix, 1969.

PÉCORA, Alcir. **Máquina de Gêneros**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

PROCHASSON, Christophe. Atenção: Verdade! Arquivos Privados e renovação das Práticas Historiográficas. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21.

STEIN, Edith. A Estrutura da Pessoa Humana. **Obras Completas. Escritos Antropológicos e Pedagógicos. v. IV**. Madri: Ediciones El Carmen; Editorial de Espiritualidad; Editorial Monte Carmelo, 2003.

VICHI, Fábio Leite. **Aspectos Históricos e personagens da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Gráfica Canavaci, 2002.